CELESTE NATÁRIO[1]

INCONFIDÊNCIAS

Em cada ilha, em cada momento do meu discurso, está sempre presente essa totalidade impossível.
Eduardo Lourenço (*apud* Gil e Catroga, 1996, p. 55).

1

O nosso primeiro encontro com Eduardo Lourenço aconteceu nos anos 80, por mediação de um sábio professor de Filosofia em Portugal da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mostrando uma proposta de caracterização para a Cultura e a Filosofia em Portugal, sob o signo de uma perspetiva fundamentalmente heterodoxa, apresentou-nos, depois de breve referência a outros pensadores, o autor de *Heterodoxias*, Eduardo Lourenço. Apresentou-nos não só Lourenço *o filósofo*, mas igualmente Lourenço *o crítico*, e Lourenço *o pensador*, que, entre a cultura, a filosofia e a literatura, teve na poesia uma expressão de grande importância: o que nos leva a considerar Eduardo Lourenço um dos maiores pensadores portugueses dos séculos 20 e 21.

[1] Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigadora Principal do grupo de investigação "Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal" do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.

DOI: https://doi.org/10.21747/21836892/fil41a1

Pensar Eduardo Lourenço é pensar, pois, uma perspetiva da universalidade do pensamento. É em parte, também, pensar o tempo e o espaço onde nos situamos: o Porto – cidade com a qual teve alguns encontros curiosos que me digno aqui apresentar. Neste sentido, recordo algumas confidências – ou *inconfidências* – do nosso Professor em algumas de suas vindas ao Porto e quando o acompanhávamos. Momentos inesquecíveis pela afabilidade, pelo seu olhar sempre curioso e quase infantil perante o mundo e as coisas, pelas suas breves reflexões sobre assuntos ou acontecimentos, relativos ao passado, mas sobretudo ao presente, pelos muitos e muitos silêncios sem adjetivação e sempre vividos numa espécie de perplexidade, cumplicidade… que, diríamos, só talvez uma certa e funda dimensão cósmica do humano pudesse explicar, mesmo assim, e pelo recurso de uma presença de algo que excede ou está além de uma linguagem.

Ao Porto, Lourenço associava algo de natureza muito pessoal. Um velho barco, de cores desgastadas verde e vermelho, de casco virado ao contrário, acostado na areia da praia. Descíamos a Rua dos Clérigos, com destino ao Teatro São João para a estreia de uma peça de Maria Velho da Costa. A dado momento da nossa conversa, e depois de um silêncio, disse: "Sabe, foi aqui que eu me descobri: eu, como sou, como Eduardo". E, continua, o tal barco era a imagem primeira que vinha-lhe à memória: a imagem de um momento da infância. Não era a memória do abstrato; era uma simples memória do concreto, memória do existir – do existir num mundo inicial: aquele mundo que gravara, quando em criança, nas férias de verão, vinha com suas tias à praia.

Descíamos a rua de automóvel, e continuávamos a percorrer, a seu pedido, algumas artérias da cidade: "Ainda temos tempo de visitar algumas imagens?", perguntou. Era o início da noite. E era o final de um novembro de chuva miudinha e nevoeiro intenso. O pretexto da sua vinda ao Porto era a realização de um encontro assinalando o cinquentenário do desaparecimento de Teixeira de Pascoaes. Eduardo Lourenço acrescentou uma outra lembrança a estas que acabámos de referir. E esta outra aparecia colada à imagem do barco verde e vermelho.

Era uma memória de regresso à casa, depois à praia, com as tias, com quem passava algum tempo das férias de verão. Então, de regresso à casa paravam em Aveiro. Aí a tia ofereceu-lhe uma pequena caixa de barquinhos de ovos moles. Lourenço relembrava o episódio e referia a sua infinita alegria com este presente. Mas só no comboio, já em movimento, se deu conta de que tinha esquecido a dita caixinha no balcão da pastelaria. «Esta prenda», comentava, «não mais esqueci… e nunca mais esqueci também a perda», associada a uma certa doçura da infância que havia perdido. Retrato de uma "totalidade impossível".

Este foi o contexto desta e de outras inconfidências – inconfidências que o professor foi buscar à memória. Inconfidências que confirmam aspetos importantes do seu pensamento, como explicitado na confissão, e bem sintetizada na citação de abertura acima. Mas que vale a pena repetir: «Em cada ilha, em cada momento do meu discurso, está sempre presente essa totalidade impossível» (Lourenço, *apud* Gil e Catroga, 1996, p. 55).

2

Hoje, tento que o granito da escrita, ou a água das palavras, se mantenham. Não em mim, mas na minha memória, para que elas não sejam esquecidas: prontas a serem colhidas por quem nelas possa ver alguma semente. Por quem teime em ver o simbolismo do barco verde e vermelho, quiçá Portugal, quiçá *O Labirinto da Saudade*, ou por quem queira ver na melancolia de uma infância perdida a raiz do Tempo que marca a Poesia ou a frustração sublimada do leitor. Há, na obra de Eduardo Lourenço, a nosso ver, um desejo imanente que faz da dura indeterminação um bem-maior e um bem-comum; que faz da Filosofia uma ruptura com qualquer determinismo, atento à *Verdade do Mito*; atento ao exterior da Ortodoxia, a Heterodoxia. Como se fizesse parte da máquina o grão de areia que questiona o seu funcionamento oleado.

> Pensar é ser um eco do que o cosmos tem para nos dizer, e nós vamos dizendo ao longo da História e do tempo, desde o começo, seja coletivo ou individual, vamos dizendo (Lourenço, *apud* Urbano e Miranda, 2024, p. 34).
>
> Filosofia é pensar, pensar é falar e não falamos jamais senão no passado. Quando falamos já aconteceu aquilo que designamos falando (Lourenço, 2017, p. 88).

E, portanto, o existir da poesia: «A poesia é apenas o homem resistindo à tentação de se deixar silenciar pelo que o nega e se sobrepõe à sua voz» (Lourenço, 2016, p. 239).

Eduardo Lourenço, se fosse vivo, teria feito 100 anos em 23 de maio de 2023. O centenário é a razão próxima desta comemoração em que diversas instituições nacionais e estrangeiras se coordenaram e prepararam um plano para divulgar a obra do pensamento desta incomum figura da cultura portuguesa. Por proposta do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto se organizaram as jornadas internacionais do centenário 1923-2023: *Pensar Eduardo Lourenço*. O número de instituições aderentes à proposta foi alargado e seguiu a inspiração do Centro de Estudos Ibéricos, centro querido inspirado e constituído na Guarda, por iniciativa do próprio Eduardo Lourenço. Mas reunir vários espaços num espaço de reflexão, vários tempos num tempo silenciado é ainda uma provocação intelectual, que pensamos conveniente ao pensamento de Eduardo Lourenço.

Compreender o tempo (os tempos), ou compreender o espaço (os espaços), é compreender o que somos, e isso faz-se por metamorfoses, a caminho de, sem haver certeza alguma do objetivo da peregrinação, sem sabermos nunca se chegamos ou quando chegamos. Esta ideia de caminho (guardada na memória de um barco do Porto, na estrada de Damasco) é evidência especial de como Eduardo Lourenço nunca se deixou apanhar pelo tempo, pelo seu tempo, ou pelo nosso tempo. Nem nunca se deixou apanhar pelo espaço que ele pensava: Portugal. De certa forma exilou-se

involuntariamente, talvez, mas sem dúvida para ver melhor. Daí sua compreensão de "tempo":

> O tempo é aquilo que nos transporta, é uma metáfora, uma imagem e simultaneamente também aquilo que nos perde e acaba por nos dissolver (Lourenço, 2016, p. 303).

3

Eduardo Lourenço é um pensador de difícil classificação, desde logo pela extensão, complexidade e hibridismo da sua obra: Filosofia + Poesia + História + Antropologia + Semiótica + etc. Camadas sobrepostas de diferentes modos de ver que tudo convocam. Os seus interesses múltiplos, a sua imensa produção e a sua permanente presença nas áreas múltiplas da cultura, tornam difícil, às vezes, muitas vezes, identificar e articular a teia confusamente geométrica em que o seu pensamento se expressa. Até porque grande parte da sua obra decorre da análise que dedica a outros autores, escritores, filósofos e poetas, sobretudo estes últimos, aqueles que escolheu como companheiros de vida. São companheiros singulares, esses, cuja escolha – percebemo-la cada vez mais claramente – decorreu do que podemos designar por uma quase irmanação na tentativa de compreensão do mundo, tanto quanto, decerto, das suas maiores inquietações filosóficas: *somos, por definição, criadores de ficção*; i.e., «O homem é naturalmente poeta», tentava Lourenço definir-se, numa entrevista a José Jorge Letria, ao mesmo tempo que acrescentava: «falar é ficcionar e essa é a nossa primeira relação com o mundo» (Lourenço e Letria, 2014, p. 87).

Como não entender, no pensamento de Eduardo Lourenço, esta ligação, para ele "natural", entre Tempos, Pensamento e Literatura? É no tempo – e dentro dele – que pergunta se é possível a própria metamorfose operada na e pela Poesia: «a conversação ou transfiguração que melhor do que todos imita a ilusória e necessária eternidade de que cada um precisa para acreditar que existe?» (Lourenço, 2016, p. 9).

> Nós somos tempo. Compreender aquilo que nós somos é compreender o tempo que nós somos, aquilo que o tempo exterior, o tempo da história, o tempo da sociedade é em nós. Não se faz uma aprendizagem sem que ele seja uma metamorfose permanente daquilo que somos (*Idem*, 2003, p. 115).

Trata-se, pois, de uma comprovada afirmação, ou melhor, de uma interrogação retórica, isto é, provocatória, da atenção do leitor / ouvinte. O seu autor coloca-a aqui como interrogação para (não) dizer que é daí que a Poesia emerge no seu sentido de "triunfo" – ainda que precário – do tempo dentro do tempo. A

constatação da impossibilidade de conciliar estes tempos com o Tempo e com o infinito abre-nos para a dimensão do Trágico. O Infinito é apontado para além dessa «máscara permanente da nossa própria realidade humana» (*Ibid.*, 64).

Mas como ler a metáfora da máscara? Partindo da descrição ou definição do ato poético de Henri Brémonde, porque mais tradicional e conhecida – o ato poético como uma «encarnação sensível do Infinito no finito» – Eduardo Lourenço acaba por contestar nessa mesma definição tradicional uma emergente e lamentável confusão entre poesia e oração, entre o domínio poético e o domínio religioso. Propõe então apresentar uma redefinição (mas não a sua contestação):

> A poesia pode ser descrita como "encarnação do sensível do Infinito no finito" com uma condição: a de não fazer um em si, um Objecto, mesmo pensado como Deus, desse famigerado Infinito, mas de ver nele apenas o que ele representa para nós, a saber, a própria existência humana, inobjectivável em sua essência. Absurdo e inútil buscar no espaço a intuição sensível para preencher o conceito do Infinito (Lourenço, 2016, p. 93-94).

Há certamente uma dimensão "utópica" (leia-se a etimologia, "sem lugar") no pensamento de Eduardo Lourenço: «Falar é ficcionar e essa é a nossa primeira relação com o mundo […] e, essa ficção vai até onde nos permitirmos por tudo o que fazemos ou não fazemos». Ou seja, é a (in)definição do lugar que sempre o interpela, o questiona e o desassossega. Por isso, a Poesia vai ser entendida como uma resposta, mas uma resposta «necessária» ao impossível, uma espécie de «cegueira luminosa», esse «privilégio do poeta». A Poesia é ainda uma «Resposta à dificuldade de ser ou ao excesso de realidade que a certas horas parece tombar sobre o homem desenraizando-o do sono natal da vida vulgar». Porém, surge no caminho entre a obscuridade e a necessidade de mais luz, no meio de uma luta, «do combate intérmino e duvidoso com a escuridão e a noite» (Lourenço, 2003, p. 66).

Só na Poesia a linguagem pode servir a realidade da Criação, e este é o acto primordial do humano. Paralelamente, o Poeta é aquele que consegue trazer o máximo de luz para o desejo de claridade que exigimos a um real para o qual o filósofo não encontra descanso. Confessa Eduardo Lourenço num momento de rara (in)confidência: «O que mais lastimo é não ser poeta, pois não há nada que eu admire mais que a poesia […]». Essência do que somos, a poesia, pela expressão poética, constitui a «inscrição maior do ser humano». Neste mesmo sentido, afirmará o autor: «deixo-me ser pelos encontros que tenho, pelos livros que leio, pelos sonhos […]» (Lourenço e Letria, 2014, p. 88).

Como escreveria José Gil, Eduardo Lourenço é «critico literário, e reflecte sobre a crítica literária e reflecte sobre a teoria da crítica; é pensador, e pensa sobre o pensamento português, e sobre o pensamento da modernidade em geral, etc. Seriam

precisos outros quadros de referência, outros conceitos e, sobretudo, outro tipo de "consciência crítica" que se erigisse em metadiscurso de um discurso que já de si é um metadiscurso» (Gil e Catroga, 1996, p. 9).

Nas suas experiências de "todos os possíveis", nas dissidências com a sua geração, a sua atitude foi, mesmo assim, quase sempre recetiva e generosa. O seu pensamento, porém, caracterizado por uma intrínseca necessidade de liberdade, vai fatalmente acabar por desenvolver-se por oposição às ortodoxias da época, considerando o que nelas reconhecia como estabelecimento de verdades últimas (e.g.: Igreja Católica, marxismo, etc.).

A sua Filosofia, consubstanciável nas sucessivas HETERODOXIAS, foi assim, desde cedo, um método, a escolha de um caminho de aproximação do conhecimento. Perspetivando e redefinindo esse caminho de aproximação do conhecimento. E, perspetivando e redefinindo esse caminho heterodoxo ao longo dos anos, a ele sempre permaneceu fiel. A resposta que somos e temos de dar – «com a nossa vida, com a nossa existência», segundo Eduardo Lourenço – é uma resposta à maior de todas as esfinges, o *Tempo*, tema central de seu pensamento filosófico. Como ele mesmo afirma: «Todos os meus textos têm como centro implícito ou explícito o objecto da minha tese universitária que nunca fiz, e que seria o Tempo» (Lourenço, Prefácio a Leme, 2014, p. 43).

Hoje, ao lermos Eduardo Lourenço, somos o que temos de melhor: uma universalidade a criar, uma identidade possibilitada pela *utopia*, no sentido já visto, simultaneamente dialética e em aberto. Este colóquio, acreditamos, foi um contributo claro neste sentido, tornando cada vez mais alargada a abertura pela e para a leitura, sobretudo filosófica, duma obra que, ainda que labiríntica, está a começar a ser apresentada e pensada.

Referências bibliográficas

Gil, J.; Catroga, F., *O ensaísmo trágico de Eduardo Lourenço*, Relógio D'Água, Lisboa 1996.

Leme, C. C., *Os Passos em volta dos tempos de Eduardo Lourenço*, Prefácio de Eduardo Lourenço, Verbo, Lisboa 2014.

Lourenço, E., *Da pintura*, edição de B. Aniello, Gradiva, Lisboa 2017.

— *Tempo e poesia* (*Obras Completas III*) Fundação C. Gulbenkian, Lisboa, 2016, Parte I, p. 57-220.

— *Tempo e poesia*, Gradiva, Lisboa 2003.

Lourenço, E.; Letria, José J., *A história é a suprema ficção*, Entrevista de José Jorge Letria a Eduardo Lourenço, Guerra e Paz ,Lisboa 2014.

Urbano, C. M.; Miranda, M., *Textos Fundamentais da Companhia de Jesus: Pedagogia e historiografia*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra 2024.